

## 5 Conclusão

Escolhemos para nossa ‘dissertação de mestrado em teologia’ analisar profundamente dois importantes fatores geradores de violência: ‘o preconceito e a discriminação’ na sociedade ocidental. Nossa intenção foi refletir sobre estes fatores, a sua relação com ‘a religião cristã e o estado’, e o que vem ocasionando no ser humano e na sociedade ocidental a vivência desses fatores que causam tanto sofrimento, pois levam a exclusão. A partir daí então, procuramos pensar, como será possível, baseado no ‘amor incondicional de Deus’ através da ‘ética levinasiana’, humanizar o ‘ser’ de modo que venhamos ter um ser humano voltado para o ‘outro’ e o ‘terceiro’, e como uma grande família universal, possamos ter a sociedade ocidental vivendo a ‘ética da alteridade’, na qual todos estarão incluídos.

Iniciamos nosso trabalho mostrando que a ‘violência’ existe desde o início da existência do ser humano, sendo considerada como consequência da condição humana, e elemento importante para a conservação da espécie humana. Das diversas posições que trouxemos em nosso trabalho, concluímos que ao longo do tempo algumas ‘formas’ de violência diminuíram; entretanto outras foram descobertas e até refinadas através do uso de alta tecnologia. Segundo especialistas, a violência vem crescendo na contemporaneidade tanto nas relações macro, como nas micro, e o fator preocupante é que relações violentas tendem a gerar pessoas desequilibradas e violentas que viverão seus relacionamentos também com violência, num crescer de violência sem fim.

Em vista dessa premissa, procuramos verificar as possíveis causas do aumento da violência na sociedade contemporânea, e destacamos: a velocidade com que as mudanças estão acontecendo na atualidade, não deixando parâmetros fixos a seguir; o afastamento das instituições religiosas tradicionais que traziam valores morais rígidos, surgindo o questionamento desses valores e a procura por novas formas de religiosidade, e finalmente a perda dos freios institucionais que se colocavam contrários à expansão da singularidade, o que possibilitou o extravasamento dos desejos subjetivos. Não há mais modelos prescritos pelas instituições sociais, ou normas impostas sem que haja anteriormente discussão, o que tem levado a quebra de valores e de verdades que até então eram

incontestáveis, obrigando o indivíduo a escolher e decidir por si mesmo. Houve uma mudança estrutural nas sociedades que levou à fragmentação das visões culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade que estruturaram as sociedades por séculos. Isso acabou deslocando e descentrando as pessoas do lugar que tinham no mundo social, cultural, religioso, e em relação a si mesmas, provocando a dúvida e a incerteza, além do surgimento de novas identidades.

As pesquisas mostram que se está vivendo um momento de transição inevitável do qual não haverá retorno e que faz parte do processo evolutivo da sociedade. Acreditamos, entretanto, que essa modificação seja natural e possa ser benéfica ao trazer a possibilidade de rever e descobrir novos conceitos e ações nos diversos campos, - científico, cultural, político, econômico, e religioso -, provocando transformações que levem o ser humano a uma forma diferente de viver.

Em nosso trabalho, ao analisarmos a ‘história da humanidade’, vimos que junto com a violência estão sempre presentes ‘o preconceito e a discriminação’. O preconceito é a forma negativa como um determinado grupo é visto, sendo considerado inferior ao ser comparado com o ‘ideal padrão’ daquele que julga. A discriminação é a manifestação ou um comportamento, induzido pelo preconceito, que prejudica certa pessoa ou grupos de pessoas. A violência existente neste ato pode ser sutil ou chegar à violência física e até a morte.

Nesta dissertação procuramos mostrar que o ‘ideal padrão’, de modo geral é dado pelo padrão sócio-cultural e religioso em que @ interlocutor@ está inserid@, e é ele que serve de parâmetro para classificar os grupos que serão incluídos e os excluídos. Quanto mais próximas as características das pessoas de um grupo se aproximarem do ‘padrão ideal’, mais lhes serão reconhecidos os seus direitos, e mais humanos serão considerados. Normalmente, este ‘padrão ideal’ está ligado à ‘construção social e histórica das relações de poder’, e das ‘relações materiais de produção’ que são estabelecidas nos períodos históricos, determinando os grupos que social e economicamente estão incluídos ou excluídos da sociedade.

O que caracteriza uma sociedade é a cultura na qual está envolvida, e a cultura ocidental foi concebida pelos padrões do cristianismo. Embora hoje, na

maior parte dos países ocidentais não haja mais a aliança ‘estado-religião’ e as pessoas vivam em meio a uma pluralidade de religiões e valores, no passado não era assim, e cada pessoa, independente, hoje, de ser cristã, possui no seu inconsciente as marcas do tempo em que havia hegemonia cristã no pensamento religioso.

Por séculos, na sociedade ocidental, ‘estado e religião cristã’ caminharam juntos, pois em quase todos os países havia uma igreja cristã como religião oficial. A mais poderosa e abrangente foi a Igreja católica, mas as Igrejas: ortodoxa, anglicana, calvinista, luterana, entre outras, também se tornaram religiões oficiais em diversos países. E por ser religião oficial, o cristianismo participou e protagonizou importantes decisões, com os discursos religiosos orientando e guiando seus fiéis de acordo com os interesses tanto do estado como da religião. Essa constatação nos mostra que, nas decisões do ‘estado’ onde o ‘preconceito’ esteve presente, o ‘discurso religioso’ também se apresentava, apoiando, e legitimando as ações discriminatórias.

Por razões variadas, diversos grupos sofreram e sofrem com o preconceito e discriminação, mas três grupos, embora tenham diferenças entre si, possuem alguns aspectos comuns que acreditamos importante ressaltar: 1. os grupos foram e são considerados diferentes e inferiores ao padrão ideal construído culturalmente na sociedade ocidental; 2. a justificativa para o preconceito e para as ações discriminatórias aos grupos era e ainda é feita baseada na Bíblia e na moral religiosa, chegando ao povo através, principalmente, do discurso religioso.

O ‘padrão ideal’ ao qual nos referimos é: ‘homem, branco, cristão, forte, heterossexual, viril, provedor, e esteticamente perfeito’. A pessoa ou grupos de pessoas que fogem a este padrão, ainda hoje, provocam preconceito e ações discriminatórias que têm se colocado, entre outras tantas coisas, como obstáculo à obtenção de seus direitos e emancipação. São eles: ‘a mulher, @ negr@ e @ homossexual’.

Como mostramos no primeiro capítulo, a mulher tem sido ao longo da história vítima de violência. O judaísmo não lhe reconhecia direitos, e no cristianismo, apesar da revolução empreendida por Jesus, da importância que lhe deu, valorizando, respeitando, levando-a a participar do grupo dos apóstolos, fazendo-a discípula, além de assumir liderança em muitas comunidades, ao longo

do tempo à igreja cristã tornou-a invisível. Já foi chamada de sexo frágil, inferior, pecadora, traiçoeira, procriadora, doméstica, a rainha do lar, entre outros, e na contemporaneidade, quando consegue conquistar o mundo do trabalho, a violência em casa aumenta. A menina, por ficar mais vulnerável pela saída da mãe, muitas vezes é vista como objeto sexual, sendo objeto de pedofilia por pais, avós, padrastos, tios, etc. Muitos maridos continuam a ver suas esposas como seres inferiores, exigindo obediência e submetendo-as a todo tipo de violência, chegando muitas vezes ao assassinato. Nas igrejas cristãs embora na atualidade os discursos valorizem a mulher, e em algumas igrejas ela já assuma o ministério principal, em outras, ainda atua como ajudante, não tem acesso aos postos de comando, e tampouco ao ministério principal.

@ negr@ já foi visto como um animal, sem alma, sofreu humilhações, foi subjugad@, maltratad@, usad@, espancad@ e assassinad@. No Brasil, após a escravidão ficou à margem da sociedade, com o estado não lhe dando oportunidade de crescer igualmente ao branco, tanto na educação como sócio-econômicamente. A política exercida por muito tempo foi a do ‘branqueamento’, cujo projeto visava à extinção d@ negr@. No judaísmo e depois no cristianismo a ‘cor negra’ era associada ao inferno, ao diabólico, à culpa, à imoralidade e à escravidão. Já a ‘cor branca’ expressava o divino e a pureza da verdadeira fé. Transformar “negr@” em “branc@” era um ideal e uma atitude moral e religiosa associada aos processos de conversão.

Hoje, no Brasil existem leis que lhes asseguram os direitos de cidadania iguais @o branc@. Nas igrejas cristãs a ‘teologia negra’ vêm realizando um trabalho de valorização da autoestima e da dignidade cristã d@ negr@, ajudando a resgatar sua cidadania, com as igrejas reconhecendo e pedindo perdão por terem aceito, e incentivado, no passado, a escravidão. Entretanto, ainda são necessárias uma série de ações afirmativas que devem abranger todas as igrejas cristãs como o acesso aos seminários, aos cursos teológicos, ampliação da participação negra em cargos de direção, e de bisp@s, pastor@s, e padres, assim como o fortalecimento de pastorais e ministérios que combatam o racismo.

A realidade é que na sociedade brasileira, @ negr@ ainda se encontra à margem da educação especializada, da riqueza produzida, e embora as ações

discriminatórias a el@s sejam tolhidas pelas leis, ‘o preconceito e a discriminação’ ainda são visíveis na sociedade.

@ homossexual na história da humanidade já foi chamado de frac@, inferior, diferente, abominável, pecador@, inimig@ da igreja e da sociedade, doente, perversid@. Até hoje, apesar d@ homossexual ser reconhecid@ pelas ciências situando-se dentro dos padrões de ‘normalidade’, muitos não aceitam esta posição. Vemos parte dos governos democratas do ocidente procurar, apesar de enfrentar forte oposição, elaborar leis que inibam ações discriminatórias. Mas no Brasil a população LGBT, até o início de maio de 2011, não possuíam 37 dos direitos dados @o cidad@o heterossexual. E mesmo, depois da decisão do Supremo Tribunal Federal que lhes deu diversos direitos que não possuíam, muitos direitos ainda não lhe são reconhecidos, e o Brasil continua sendo o país com o maior número de assassinatos de homossexuais no mundo.

Em grande parte das igrejas cristãs, embora a hermenêutica bíblica tenha avançado, trazendo outras interpretações, @ homossexual continua sendo considerad@ como portador@ de um desvio, e abominável. Em muitas igrejas el@ só é incluíd@ se fizer tratamento para ser ‘curad@’, ou seja, precisa se transformar em heterossexual, e em outras igrejas é aceit@ se viver a castidade. Somente as Igrejas Cristãs Inclusivas, parte da Igreja Anglicana e alguns grupos isolados em diversas denominações cristãs, inclusive na Igreja Católica, têm realizado um trabalho voltado para o respeito e aceitação da homossexualidade, conjugado à vivência da fé cristã.

Como vemos, apesar do Concílio Vaticano II objetivar uma Igreja Católica que volte às fontes evangélicas, da Conferência de Aparecida mostrar a necessidade de seus membros serem ‘discípulos e missionários de Jesus Cristo’, das Campanhas da fraternidade ecumênicas enfocarem a paz, o respeito pela vida, pelo planeta, etc, como também as outras igrejas cristãs em seus documentos valorizarem a paz e o respeito ao ‘outro’, o cristianismo ocidental continua a ter dificuldade de olhar a singularidade do ‘outro’ como Jesus fazia. Não consegue ver as necessidades de cada um, partindo do singular para o universal, como Jesus ensinava aos seus apóstolos. A pedagogia de Jesus não consegue ser seguida.

Mazzarolo nos diz que “na pedagogia de Jesus, a fé, como ato de crer, não está pautada em dogmas, jejuns, oferenda de animais cevados (c. Is, 1, 10-20),

mas no compromisso fundamental com a verdade, com a vida e com a justiça ( Jo 1, 9-14)''<sup>528</sup> Uma pedagogia que constava de gesto simples de afeto, de compaixão e amor, que podem ser denominados 'pedagogia da inclusão'.<sup>529</sup>

Apesar de todos os esforços feitos pelos governos e movimentos organizados trabalhando ativamente para a difusão de conhecimentos sobre estes três grupos. E a procura por amenizar o preconceito e as ações discriminatórias, quanto maior o espaço e voz que esses grupos conseguem na sociedade, maior a violência em relação a eles.

Diante desta realidade, levantamos alguns questionamentos que expusemos em nossa introdução. Com o desejo de responder a estas perguntas, procurando encontrar uma maneira de transformar a sociedade ocidental, fomos buscar Emmanuel Lévinas, filósofo, lituânio, que sofreu e viu sofrer como prisioneiro nos campos de oficiais na Segunda Grande Guerra, a 'violência' ocasionada pelo 'preconceito e a discriminação' por ser judeu. Lévinas, através da sua antropologia filosófica, nos ajudou a compreender melhor o ser humano, e seguindo a 'ética' proposta por ele nos proporcionou a possibilidade de chegar à transformação que desejamos.

Como já dissemos anteriormente, não tivemos nesse trabalho, a pretensão de entrar em aspectos da teologia moral, visto que para Lévinas a ética não está ligada a normas morais, mas à metafísica, à transcendência do ser humano através do face a face. Para ele, o 'ser' é fechado em si mesmo, com dificuldade de aceitar a alteridade, aquele que é diferente de si. A única forma do ser humano se transformar, passando a ser voltado para o 'outro', é pela ética. O ser humano, por ser assignado<sup>530</sup> pelo Infinito antes de se tornar 'ser', pela ética pode realizar sua principal vocação, que é a transcendência ao 'Outro'.

Embora Lévinas traga em seu pensamento marcantes diferenças do pensamento cristão, em alguns aspectos a aproximação é muito grande, e acreditamos que a ética levinasiana possa ser relevante para esta dissertação, devido à humanização que propõe em relação ao ser. Como a proposta ética de Lévinas está ligada à vocação transcendental do ser humano, percebemos nas reflexões de Luis Carlos Susin a existência da possibilidade de aprofundar dentro

<sup>528</sup> MAZZAROLO, Isidoro. *Jesus e física quântica*. Rio: Ed. PUC-RIO, 2011, p. 35.

<sup>529</sup> IDEM. *Ibidem*, p. 24.

<sup>530</sup> Marcado originalmente pelo 'Outro'.

da teologia o pensamento de Lévinas. Para isto fizemos um ‘recorte’, pois o tema é muito extenso e complexo, e procuramos resumir a trajetória da subjetividade no mundo do ‘ser’, e como ela se comporta diante da alteridade, de modo a compreendermos o comportamento do ‘ser’ no mundo.

Inicialmente vimos a formação da interioridade do ser, da sensibilidade no nascimento do ‘ser’ à subjetividade. Depois acompanhamos a trajetória do ‘ser’ no mundo com suas inseguranças, medos e necessidade de afeto, e a busca da felicidade, levando o ‘eu’ sempre a voltar a si mesmo. Procuramos mostrar que por trás de toda justificativa pessoal e institucional, das reações de violência sutil ou aberta, devido ao preconceito e discriminação à mulher, @o negr@, @o homossexual, que não se enquadram no padrão antropológico ideal, normatizado pela sociedade, encontra-se o fechamento do ser, a dificuldade de reconhecer a alteridade do ‘outro’, colocando os interesses de poder e as normas sociais, econômicas e religiosas regidas por conceitos universais, acima da singularidade do ser humano. Verificamos então, que só a partir da vivência ética, teremos oportunidade de transformar o ser cheio de preconceito e capaz de atos discriminatórios. Atos que podem chegar à violência física e até a matar para eliminar aquel@ que não consegue tornar em um igual, em um ser voltado para o ‘outro’.

Pela ética, no face a face com o ‘Outro’ totalmente diferente, que colocamos como a tríade bíblica, representando a mulher, @ negr@, e @ homossexual, pelo choque que estes causam, podem produzir uma explosão de consciência. Esta explosão provoca questionamentos capazes de levar a pessoa a sair do viver só ‘para si’ e despertar ‘para o outro’, indo ‘além do ser’, e reconhecendo a alteridade do ‘outro’. O ‘ser’, por ter sido escolhido e marcado originalmente por Deus, antes de se tornar ‘ser’, ao ir além do ‘ser’ vive sua vocação transcendental, assumindo a responsabilidade assimétrica pelo ‘outro’, prosseguindo em seu ‘processo de humanização, guiando-se não mais pelos interesses do ‘reino do ser’, embora nele viva, mas sendo regido pelo ‘reino do Bem’, que podemos dizer se aproximar do que nós cristãos chamamos de ‘reino de Deus’.

Ao deixar-se reger por Deus, a incondicionalidade do seu amor pode ser sentida e vivida através de cada obra da paciência, tornando o ser em um messias, um Subjectum universal que busca a paz, a justiça, procurando resgatar os que

fazem as mediações sociais, econômicas e religiosas. E essas mediações, a partir da escuta da Palavra daquele que está à sua frente, respondem à singularidade e procuram incluir cada pessoa na grande família universal sem restrição de raça, gênero, etnia, orientação sexual, religião, nacionalidade, estética, etc.

Para se vivenciar a ‘ética’ e termos as transformações na sociedade, acreditamos que seja preciso um trabalho ‘educativo-evangelizador’ que traga possibilidades de experienciar o ‘Outro’ totalmente diferente: o pobre, a viúva, o órfão, e o estrangeiro, na figura atual da mulher, d@ negr@, e d@ homossexual. Podendo-se estender @o que tem dificuldades especiais, @o deficiente, @o gord@, @o judeu/ a judia, @o muçulman@. Enfim a tod@s @s discriminad@s, @s excluíd@s, àquel@ que não tem cidadania reconhecida. Dessa forma, através da ‘interpretação da Palavra de Deus à luz do seu amor incondicional’, a ‘ética’ poderá ser vivida, e o ‘ser’ poderá se tornar verdadeiramente ‘humano’. E seguindo os passos de Jesus, amar incondicionalmente, com total responsabilidade e respeito, incluindo cada um e todos os seus irmãos como membros da família universal.

A partir daí então, as pessoas poderão “passar a considerar as outras como diferentes de si mesmas; elas são o *alter*, com suas cargas neurais próprias, com suas manifestações religiosas que as distinguem e também as identificam no seu DNA”.<sup>531</sup> Afinal, “em Cristo caem todas as diferenças, visto que nele acontece uma recriação do plano original do Pai. Assim, sendo Deus não faz acepção de pessoas”.<sup>532</sup> Pois, como disse Paulo: “Já não há judeu nem grego; não há servo nem livre, não há homem nem mulher, pois todos vós sois um só em Cristo”.<sup>533</sup>

<sup>531</sup> MAZZAROLO, *Jesus e a física...*, p. 36.

<sup>532</sup> IDEM. *Ibidem*, p. 36. Cf. BÍBLIA, Dt 10,17.

<sup>533</sup> BÍBLIA. Gl 3, 28.